



EVA NO DIVÃ OU DO PARAÍSO AO INFERNO EM BUSCA DE AUTONOMIA

Célia TOLENTINO¹

Resumo: Como se estivesse tecendo num antigo tear manual, a linha narrativa de *El retorno de Eva*, da escritora paraguaia Susana Gertopan, vai compondo, com os fios da tradição e da modernidade, memória e história, exílio e retorno, a trajetória de uma jovem mulher em busca de si na condição de cidadã paraguaia e judia. Enquanto a protagonista busca desfazer-se dos diversos nós que a vinculam a uma herança cultural e religiosa que não combina, como ela mesma diz, com o cenário no qual cresce, e nem com a vida moderna de Jerusalém, terra prometida dos seus antepassados para onde emigra, vamos observando a problemática tessitura de sua individualidade entre dois mundos, ambos em crise e transição.

Palavras chave: literatura paraguaia, literatura judaica, Susana Gertopan.

Casamento como encenação da tradição

“La mujer se adquiere de tres maneras, por dinero, por contrato, por coito. Y se adquiere a sí misma de dos maneras, por divorcio y por la muerte del marido.” (Tratado de Kidushin 2b apud KATZ, 2003, p. 193)

A epígrafe acima foi recolhida de um periódico *online* denominado *Punto Il*, que se define como “una publicación de la oficina de Representación en Argentina del Departamento de Hagshamá de la Organización Sionista Mundial”², cujo número divulga um longo debate sobre a condição feminina no seio do judaísmo. Comentando alguns dos preceitos antigos em relação a questões caras às mulheres modernas, o texto de apresentação observa que:

“el mismo Judaísmo que propone juezas y profetizas, pone a la mujer en el segundo plano del terreno religioso. Y en el mismo Israel que hizo de Golda Meir la tercer mujer en el mundo moderno en dirigir el destino de un país, y puso a las jalutzim (pioneras) a trabajar hombro a hombro con los jalutzim (pioneros), el sector ultra-ortodoxo continúa ensanchando la brecha que separa a la mujer del hombre. Y si bien pareciera que estuviéramos hablando de dos judaísmos distintos, y quizás hasta nos tentemos a llamarlos "progre" y "retro", ambos se inspiran y cimientan en las

¹ Professora de Sociologia junto à FFC/UNESP/Marília, coordenou os estudos sobre Aspectos da Literatura Latino Americana da década de 2000, que deu origem a esse dossiê, como projeto do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura da mesma instituição. Autora do livro *O rural no cinema brasileiro*, Ed. UNESP, 2001.

² Ver site <http://www.hagshama.org/amlat/biblioteca/archivos/28.pdf>



fuentes judías, caracterizadas por la multiplicidad no solo de lecturas e interpretaciones sino de voces y discursos propios...” (KOHAN, 2003, p. 5)

A protagonista do romance *El retorno de Eva*, de Susana Gertopan (2003), parece situar-se nesta linha divisória entre o judaísmo “retrógrado” e o judaísmo “progressista”, de que fala Kohan (2003), para narrar sua crise em busca de uma identidade no interior de uma comunidade judaica no Paraguai, terra que acolheu os seus avós: “Mi *bove*, que había nacido en Rusia, me hablava siempre de Eretz Israel. ... Ella salió de Rusia escapando de una muerte segura en los *pogroms*, en mano de los Cosacos. Se casó en el Paraguay con otro inmigrante de su misma tierra. Tuvieran dos hijos, mi padre e la tía Berta”. (p.18)

Embora não tenhamos datas, percebe-se que estamos no contexto da primeira metade do Século XX. Portanto, Eva é herdeira deste judaísmo diaspórico integrado à secularidade da sociedade paraguaia e cresce, provavelmente, nos anos 60 tendo, como boa parte das mulheres da sua classe e da sua geração, anseios por independência e igualdade, legados das lutas feministas que se ampliaram depois da Segunda Guerra em grande parte do mundo urbano ocidental. Assim lhe pareceria “natural” cursar uma faculdade, engajar-se na luta política e cultural do seu tempo e, como ensina o ideal de amor romântico ocidental, envolver-se afetivamente com alguém de sua escolha. No entanto, os pais de Eva pertenceriam a uma geração anterior, aquela que herdara os costumes ortodoxos dos antepassados e, que, provavelmente, também encontra respaldo na mesma sociedade, marcada pela ruralidade e pelo patriarcalismo que a geração de Eva começava a questionar.

A luta e o enfrentamento da protagonista para escapar a um destino de mulher encerrada no lar é o ponto alto do conflito narrativo: de um lado o desejo de individualismo e individualidade e, do outro, as amarras da tradição, com a qual viria a romper sem, contudo, liberar-se de uma dolorosa e pesada culpa, perenemente a espera de redenção. Perpassando toda a trama, temos os temas caros da literatura judaica: desterro, memória, exílio, temor, manutenção da tradição, estrangeiridade e pertencimento. Como pano de fundo, o Paraguai da ditadura Stroessner, enquanto memória, em confronto com o Paraguai dos últimos anos; a Eretz Israel dos avós conferida de perto pelos olhos de quem se insere no Estado de Israel atual, com suas guerras e modernização econômica acelerada.

A história inicia-se em Assunção, às vésperas do casamento de Eva com Alberto



Goldberg, seu amigo de infância, partidário dos antigos costumes judaicos e muito bem aceito pelos seus pais e familiares. Já nas primeiras linhas, a protagonista narra o que chama de um “duelo devastador e intransigente” entre aquela personagem que devia interpretar para um público ansioso e desejoso de vê-la encarnar majestosamente um papel tradicional, o de esposa dedicada ao lar e à família, e a necessidade de montar o que define como uma história própria, pessoal, uma trajetória onde não existisse senão a imposição dos seus próprio desejos:

“Qué extraña me sentía. Alejada, separada de mis deseos reales, atascada dentro aquella habitación, en una historia que no era la mía y en todo lo extraño que sucedía alrededor de ella, mientras afuera el universo seguía rotando con un movimiento seguro e regular”. (GERTOPAN, 2003, p. 9)

A narradora compara sua crise com a de Nora, heroína rebelde de *Casa de bonecas*: “Sobre la falsa moral, las convenciones, ‘el qué dirán’, ya reflexionaba Ibsen en su Casa de Muñecas. Sin embargo yo misma seguía atrapada en esos viejos prejuicios...” (p. 9) O conflito, tal qual o da personagem “feminista” de Ibsen, que se opõe às convenções do seu tempo na fechada e fria Noruega oitocentista, pertencem ao quarto fechado e escuro onde Eva se encerra às vésperas das bodas que, não por acaso, pertence à casa dos pais. Ao abrir a janela, entretanto, vida da capital paraguaia e sua cultura popular ruidosa e alegre, adornada pela natureza colorida, prosaica e primaveril, entram como um sopro de frescor e parecem dar razão à sua constatação de que “continuaba siendo una joven con ideales creados alrededor de una realidad lejana a la que vivía.” (p. 10):

“Abrí la ventana de mi cuarto. Ya estaba amaneciendo. Pero no había logrado dormir en toda la noche. Por la ventana entraba una apacible luz. Después de varios días de llover con insistencia, de pronto, durante aquel amanecer la lluvia cesó, como un augurio de dicha. De afuera me llegaba el olor de la tierra recién regada, sentía el aroma a naranjo florecido, a guayaba y a jazmín. En setiembre, Asunción se sumerge en cánticos y aromas embriagadores. Los patios se hechizan con la sencillez y el candor de las enredaderas que trepan estallando de color, de serenatas de aves, que anuncian su fecundidad, de risas, de juegos, de polcas y guaranias” (GERTOPAN, 2003, p.10)

No entanto, nem só de cor local emerge o Paraguai da narrativa, cuja cultura nacional, segundo conta, parece distanciar-se daquela cultivada pelo seu grupo familiar, marcado pela memória da perseguição e do exílio. À perseguição de ontem sobrepõe-se a de hoje, a da ditadura militar, contra a qual combateria ainda bastante jovem. As conseqüências desta militância, todavia, acabariam por levá-la mais rapidamente ao



“refúgio” do casamento:

“No estaban preparados para aceptar mi rebeldía ... Me estaba convirtiendo en una joven rebelde. De elle tampoco me perdonarían ... En aquella época mi ideología socialista hizo que tuviera encuentros fatídicos con la policía, con Alberto y con mis padres. Además de periodista, también quería ser actriz. Al ser socialista mi compromiso como artista frente la sociedad era diferente. / Estaba terriblemente confundida. / Ante tanta presión, tanta culpa, tanta responsabilidad sobre lo mal que ellos se sentían a causa del sufrimiento que yo les daba, y por temor a que les sucediera algo malo a la salud, abandoné todo y me casé con Alberto”. (GERTOPAN, 2003, p. 94)

É nesta relação de desejo de individualidade e culpa que se inscreve a reflexão de Eva. De um lado os influxos culturais caros ao ocidente moderno, de outro, as prerrogativas da tradição que também seriam consideradas no seio daquela comunidade como manutenção da memória dos antepassados, das suas lutas e resistências. A propósito de resistência, Eva se mostra sem clareza, como uma legítima filha da ditadura que seus pais não contestavam por não quererem ofender ao chefe da nação que os acolhera. Provavelmente deve-se a isso o fato de que qualquer sujeito que parecesse não convergir aos ditames da ordem fosse ícone de uma possível rebeldia, tal como indicam os pôsteres que adornam as paredes do seu quarto de adolescente:

“(…) Las paredes estaban decoradas con afiches de los Beatles, con el rostro duro del Che Guevara, de Fidel Castro, de Einstein, Golda Meir, figuras conflictivas que desacordaban en sus ideologías con el régimen dictatorial de entonces. Sobre mi cómoda lucía la foto enmohecida de mis abuelos y otros recuerdos que durante la adolescencia iba atesorando con la idea de que perdurarían allí por siempre, resguardando la memoria.” (GERTOPAN, 2003, p. 11)

À memória dos avós escapados à perseguição anti semita europeia soma-se esta curiosa galeria de “rebeldes”, pouco afeitos entre si, dando pistas do itinerário cultural múltiplo e fraturado desta que fala: do grupo ícone da música *pop* dos anos 60 aos revolucionários socialistas, do cientista irreverente à ideóloga e militante da causa sionista. A própria rebeldia de Eva não tem grandes vôos: está inscrita muito mais no desejo de escapar ao domínio masculino que vigora no interior da ortodoxia de sua comunidade que assumir outra grande causa. Eva se engajaria em outras lutas, mas o direito de escolha no campo afetivo seria a única pela qual desejaria compreensão e aceitação.

Dividido em vinte capítulos, com linguagem clara e direta, a trama literária é construída num vai e vem – como quem tece num velho tear manual – que organiza o passado no presente através da rememoração da infância, da juventude, de fatos mais



recentes, sempre arrematando os fios com as memórias longínquas da história de seus avós. Assim como inicia a narrativa contando sobre os momentos que antecedem o seu casamento, no capítulo 11º, como quem faz a volta da linha para ir fechando a trama do tecido, Eva conta que na infância brincara de ser a noiva de Alberto Goldberg em uma das celebrações do *Purim*³. Criativa, teria juntado retalhos a um velho vestido de noiva resgatado do baú de guardados de Dona Mindú, a matriarca pertencente às primeiras levadas de imigrantes judias chegadas à Assunção, em cuja enorme e precária casa – descreve o que chamamos de cortiço – abrigara as muitas famílias que chegavam em fuga da Europa. Neste dia, como nos relata Eva, Alberto desempenharia o papel de noivo, e Málkele, uma das filhas de Dona Mindú, com seu estado de humor pouco amigável, vaticinara: “Eva, mi querida. ¡Ten cuidado! No siempre los acontecimientos en la vida se presentan como un juego. (p. 87) Infeliz no seu eterno casamento arranjado pelo pai, Málkele seria a geração que se encarregaria de perpetuar ou não os costumes ortodoxos transplantados para o solo da América Latina. Como anuncia esta mulher amarga, mãe de sua melhor amiguinha, Verónica, a brincadeira de infância seria levada a sério com a convivência e convivência da família de ambos no mesmo bairro, na sinagoga, na escola e na casa dos amigos:

“No recuerdo cuándo Alberto Goldberg y yo empezamos a ser novios, pero sí la noche en que me ofreció matrimonio. / Nos conocíamos de antes. Nacimos en el mismo barrio, fuimos a la misma escuela, compartíamos los mismos amigos, el mismo juego, las mismas reuniones, las mismas festividades e íbamos al mismo club y a la misma sinagoga”. (GERTOPAN, 2003, p. 85)

Eva se casa, contudo a experiência de “rebeldia” – ou a idéia de que deveria cuidar do próprio destino – já teria sido iniciada e a protagonista não tarda a pedir a separação a Alberto, para o desespero dos pais, particularmente da mãe, que vê neste ato não apenas a recusa ao papel clássico da mulher judaica, mas algo próximo à perdição: “Así actua una mala mujer. Así se comporta una *curve*”⁴ (p.112). Não apenas seus pais a condenam, também Alberto exige uma cerimônia de divórcio segundo a tradição:

³ A origem remete-se à palavra "Pur", do hebraico, que significaria sorteio, numa referência ao método utilizado por Haman, primeiro-ministro do Rei *Achashverosh* da Pérsia, para marcar a data em que deveria expulsar (algumas fontes dizem massacrar, aniquilar) o povo judeu da Babilônia, então conquistada pela Pérsia. Além da distribuição de comida e dinheiro aos pobres, presentes e consumo de vinho durante refeição de celebração, segundo recomenda o Livro de Esther 9:22, alguns judeus costumam fazer uma comemoração pública com o uso de máscaras e fantasias. (ver http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1080542/jewish/A-Festa-de-Purim.htm)

⁴ prostituta



“Estaba obteniendo el *guet*, el certificado de divorcio, en una ceremonia parecida a un carnaval trágico que me condenaba por ser mujer y la vez me permitía la libertad de mi carne, la libertad de elección, la independencia total sobre mi existir. Mi liberación” (p. 27). Entretanto, ao invés de sentir-se liberada para enfrentar a vida de mulher independente, moderna e ocidental, como lhe facultava a ata de separação religiosa, Eva mergulha num processo de culpa profunda:

“No había necesidad de desarrollar tanta tragedia alrededor de *un acto que debería ser tomado con total e absoluta naturalidad*. Pero la angustia, el dolor, el arrepentimiento ante cualquier ruptura, desataba los sentimientos más trágicos impuestos por nuestra cultura, una cultura ancestral, la cultura de la pena, del desarraigo, de la culpa, del abandono, de la pérdida, de la sobrevivencia como judíos errantes, heredada de nuestros patriarcas por ser el pueblo elegido por Dios, con el sufrimiento reflejado en el espíritu de una tradición.” (GERTOPAN, 2003, pp. 27/28, grifos nossos)

Escrevendo no presente para elucidar o passado, Eva fala com a linguagem da psicanálise as razões culturais da sua culpa, o peso de uma remota tradição que fora perpassada de dor, abandono, desterro, perda e sofrimento. Com o juízo do tempo presente, observa que não havia necessidade de tanta tragédia para um ato *absolutamente natural* se não fosse pelo fato de estar imersa em uma comunidade específica que faria a tradição judaica e a cultura do entorno digladiarem entre si. Mas, a Assunção de Eva também estaria em transição, a mesma cultura ocidental que propunha a liberdade de escolha talvez não encontrasse ainda alicerces firmes para que as mulheres fossem plenamente donas dos seus destinos:

“Nadie me perdonó aquella decisión, todos me juzgaron. (...) Mis hermanos me condenaron por producirles tanto dolor a nuestros padres. *La sociedad me vio como transgresora*. Finalmente todos me condenaron. / Entonces me fui. *Deseé adquirir la responsabilidad sobre mi propia existencia*. Para probar que era una mujer tenía que cambiar de escenario donde desarrollar mi nueva actuación, intentando ser una adulta, y vivir en un mundo en el que pretendiera ser yo misma, auténtica. / Por ese me fui. Me mudé. Me mudé de casa, de barrio, me fui del país. / Viaje a Israel.” (GERTOPAN, 2003, pp. 28/29, grifos nossos)

Como observa nossos grifos, a mesma sociedade que condena seu propósito de romper o casamento lhe havia dotado dos desejos de autonomia, individualismo e da noção do direito de ser mulher profissional e independente. Este conflito marcado pela tradição em oposição à modernidade, tanto no seio da comunidade judaica quanto da sociedade mais ampla, transforma-se em culpa, condenando a protagonista a amargar



esta crise por 20 anos, num auto-exílio em Israel.

Deste modo, o leitor tem a justificativa do estado de espírito de Eva, dando-nos a entender que a mulher confusa que nos conta a sua história está psicanaliticamente corroída pela culpa, cujo substrato social é conflito entre um mundo rural – ditatorial, patriarcal – em consonância com a tradição ortodoxa à qual pertence a sua comunidade e um mundo urbano e burguês a caminho, ao qual a narradora pertence, mas não como experiência acabada. De modo que por 20 anos aguardará a redenção da sua comunidade pela ofensa impingida à consciência deste coletivo.

Auto exílio e a Terra Prometida

Uma boa surpresa da narrativa é que Eva não foge para Paris, Nova York ou outra grande capital do mundo ocidental onde pudesse viver de modo secularizado o seu feminismo e sua almejada independência. Ao escolher Israel, parece sinalizar que seu projeto pessoal não implica renegar a identidade judaica, nem mesmo os preceitos do judaísmo. Não se trata de um narrador que questione a tradição *in toto* em nome de uma modernidade *in toto*. Mas, a tradição e a modernidade dentro da cultura judaica que, por sua vez, está inserida num tempo em que a modernidade ocidental tem caráter global, e toma a si mesma como parâmetro para definir o atraso e o progresso cultural, político e econômico de todo o mundo. Se no Paraguai os pais de Eva e sua geração encontravam reverberação da ortodoxia na cultura patriarcal e autoritária do país, também a protagonista – assim como seu irmão mais velho que se casa com Teresa, uma *goie*⁵, como dizem os genitores – encontra influxos que a fazem reivindicar as prerrogativas da vida moderna. Um dado que reforça a verossimilhança da narrativa, tal como explicitaria a pesquisa de Kosminky (2004) sobre as imigrantes judias no Brasil e nos Estados Unidos, no início do Século XX. Sem negar a filiação judaica, as mulheres que migram para Nova York, influenciadas pela cultura secularizada e moderna, assumem papéis fora da vida doméstica, assim como relações afetivas mais livres, inclusive com homens de outras religiões. No caso brasileiro, a ortodoxia da geração mais velha faz coro e se reforça na vida patriarcal, contribuindo para que o processo de inserção das mulheres judias na sociedade do trabalho fosse mais lento. Neste sentido, a narrativa de Gertopan parece se calçar neste terreno social e nesta especificidade, dando versão

⁵ Góí do original ídiche goy, góí. Designação dada pelos judeus aos não-judeus.



literária para os possíveis conflitos que daí surgem, como mostra a obra da socióloga. A justificativa de Eva para a escolha de Israel esclarece que seu desejo de igualdade e liberdade, facultados pela condição urbana e burguesa, não significava, no entanto, renegar a condição e a comunidade judaica. Ao contrário:

“Llegar a conocer Israel fue el permanente deseo de mi *bobe* [avó]. Un sueño que se transmitió y se enquistó en mi como un estigma. (...) Desde el momento en que resolví marcharme de Asunción, se presentó como única meta mudarme a esas tierras. No dudé por un instante en ir a otro lugar. Las oportunidades que me brindaban en Israel por ser una habitante de la diáspora, eran innumerables.” (Gertopan, 2003, p.31)

Uma vez em Israel, estuda, faz psicanálise, milita no movimento sionista, torna-se membro do Exército na condição de jornalista, tem vários namorados e amantes, tem um filho, Uri, cujo pai é um estudante judeu-marroquino, trabalha em um jornal e encontra-se periodicamente com outros imigrantes latino-americanos. A Israel que encontra Eva parecia muito distinta da terra sonhada pelos seus avós, defensores da causa sionista e que em Assunção permaneceriam falando em Iídiche “y manteniendo ciertas costumbres que ya nosotros, su descendencia, no la supimos comprender ni sostener. Era la evolución.” (p. 33). Em oposição à vida na capital paraguaia, a protagonista conta que enfrenta uma Jerusalém cada vez mais competitiva e, como se encarrega de dizer, “era cada día más cruel” (p. 45). E, de todas as suas experiências na capital israelense, do engajamento na frente de batalha aos muitos amores, aquilo que parece mais profundo é a total independência de tudo e de todos, o não pertencimento, o desgarramento da comunidade de origem que a renegou e que lhe pesa como uma profunda condenação. Eva não teria todos os requisitos para ser efetivamente moderna, como o desfecho da trama nos observará. Tanto que seu movimento será de retorno; retorno à comunidade (com a qual se redime) e à tradição do casamento judaico na sua forma *aggiornata*. Portanto, constata: “Yo sabía que tenía que volver. Que alguna vez tenía que regresar. (...) Pasaron veinte años de mi huida y todavía continuaba atormentándome la idea del retorno. (...) Ni siquiera era lo suficientemente fuerte para adoptar al país que escogí para vivir. Era una vulgar turista buscando en el mapa algún lugar original por descubrir” (p. 17).

O que impede que esta mulher assuma seu destino em Israel apesar de ter uma inserção no mercado de trabalho, de ter estudado jornalismo, escrito sobre filosofia, se engajado na causa israelense? O fato de seus pais, seu ex marido, sua comunidade não a



terem perdoado pela separação⁶. Duas décadas depois, Alberto a chama por telefone e lhe exige a ata do *guet*, do divórcio segundo a tradição, desencadeando o processo de reflexão que costurará o movimento de Eva em seu retorno à Assunção.

Ao regressar, Eva descobre o óbvio, que tudo mudou nestas duas décadas: seus pais envelheceram, seus sobrinhos cresceram, Alberto casou-se há muito em segundas núpcias e deseja oficializar religiosamente o matrimônio (por isso reclama a ata do *guet*), e sua amiga Verónica, já avó, confidencia que se arrepende muito de não ter fugido em sua companhia. A mãe de sua amiga, Málkele, vive, então, de forma letárgica por causa de uma doença senil. E, aqui, parece estar um dos contrapontos importantes do romance: esta mulher, de uma geração anterior, sem poder fazer sua escolha, viveu submissa ao pai e ao marido, mas a sua infelicidade a fez “apagar-se” precocemente. Eva teria evitado terminar a vida da mesma forma, segundo nos leva a concluir sem explicitar. Mais claramente, a velhice de seus pais sem outro horizonte que não fosse a discussão por causa da preparação do mate, é outro ponto que reforça nossa impressão, inclusive porque tal idéia se apresenta logo depois do reencontro com Alberto para a devolução da ata do *guet*: “Llevaban casados más de cuarenta años y durante ese lapso nunca se pusieran de acuerdo en la cantidad de yerba ni en la temperatura del agua. ... Lo terrible es que ninguno de los dos en esos largos años tomó el mate como quiso.” (p. 126)

Sobre a capital paraguaia revisitada, Eva fala como jornalista:

“Pensé que Asunción se mantendría intacta, salvaguardada del contagio de otras grandes capitales que evolucionaron cayendo en la decadencia de su gente, de su folclore, pero Paraguay no estaba exento del deterioro social, producto de una dura transición política que sumada a las dificultades económicas y la globalización, caía en una inevitable postración.” (GERTOPAN, 2003, p. 107)

A constatação de que a globalização é evidente no país da América do Sul sugere que mesmo na América Latina, a comunidade judaica acabaria premida pela modernização econômica e pela modernidade – peculiar, periférica – que não poupa ninguém.

⁶ É interessante observar a conclusão de Kosminsky a propósito da experiência das mulheres judaicas norte-americanas e brasileiras em relação ao casamento e afetividade: “Nota-se uma grande diferença entre os dois grupos no que diz respeito às relações de gênero no namoro e no casamento: as mulheres norte-americanas apresentavam mais independência, autonomia e flexibilidade na escolha dos seus parceiros do que as brasileiras. Talvez por essa razão, puderam casar, divorciar e casar-se novamente. Nem todas as brasileiras se casaram, presas, talvez, aos critérios do *Yhkes* [linhagem, segundo tradução da autora], se é que casar é um dos componentes da sociedade moderna. Talvez, não. O que seria moderno é essa flexibilidade das mulheres de fazerem e refazerem uniões. (KOSMINISKY, 2004, s/p)



Liberada dos fantasmas do passado, perdoada por seus pais e pela comunidade, agora capazes de compreender o seu ato – absolutamente normal, como disse – Eva retorna a Israel e pode assumir a sua vida “plenamente”. E o que isso significa? Que se casará por amor com Sigmund (o ex psicanalista, é claro), numa cerimônia tradicional, com a bênção de seu filho, de seus pais e de seus enteados, os filhos de seu marido:

“Al poco tiempo, Sigmund e yo decidimos casarnos. Juntos decidimos la fecha. Ambos éramos divorciados, ambos teníamos el certificado de *guet*. Ambos éramos libres. / Y así hicimos, en una emotiva ceremonia, en el patio de la casa de Sima, mi vecina rusa, donde armamos una sencilla *jupá*. Uri e ella fueron nuestros padrinos. ... Los hijos de Sigmund también nos acompañaron y sus nietos hicieron de cortejo. / Mis padres non pudieron venir para la boda, pero me llamaron y me desearon mucha suerte, igual que mis hermanos, Isaquito, Verónica, la tía Berta, Teresa, Ruth, mis sobrinos y también Alberto Goldberg.” (GERTOPAN, 2003, p. 148)

No seio da comunidade e da família – ambas atualizadas – Eva se acomoda, encerrando sua experiência de rebeldia.

Uma voz feminina na narrativa paraguaia

Não é fácil situar a narrativa de Susana Gertopan no contexto da literatura paraguaia atual para além do fato de que sua obra tem filiação na literatura de expressão feminina e trata de temas relacionados à condição judaica. Seus protagonistas estão perenemente em exílio, como observa a também escritora Lourdes Talavera, tanto aquele do desterro como aquele do deslocamento cultural. Gertopan, assim como outras escritoras paraguaias hoje reconhecidas, iniciou a escrever por incentivo do projeto chamado *Taller Cuento Breve*, coordenado pelo escritor e professor de literatura Hugo Rodriguez Alcalá, criado no início dos anos 80. E, como dirá o mesmo Rodriguez Alcalá, se já não se pode falar que o Paraguai é um país sem romancistas, como dissera seu mais importante escritor, Augusto Roa Bastos (1917-2005), pode-se dizer que é um país de narradores sem leitores (RODRIGUEZ ALCALÁ citado por PEIRÒ BARCO, 2001, p. 179). Isto porque, observa, ainda que o país tenha melhorado muito com a redemocratização e a modernização dos últimos anos, muito há de ser feito para alterar as condições sociais e culturais de um povo mergulhado na pobreza e no analfabetismo.

Segundo Teresa MENDEZ-FAITH (2008), a presença feminina na narrativa paraguaia do último quarto de século trouxe maior proximidade estrutural, temática estilística com a literatura latinoamericana das últimas décadas, particularmente “temas relacionados con la expresión de lo íntimo, del mundo interior, con la transgresión de la



norma, la ruptura de tabúes, con la toma de conciencia de la realidad desde una perspectiva femenina (MENDEZ-FAITH, 2008, s/n). Ainda segundo esta estudiosa da literatura, não se trata de temas novos, mas é que agora surgem ampliados e “coinciden con la irrupción de la mujer en el panorama narrativo del último cuarto de siglo. (MENDEZ-FAITH, 2008, s/n)”

Podemos dizer que alguns destes sentidos apontados por MENDEZ-FAITH, denominados expressão da intimidade, consciência da realidade a partir de uma perspectiva feminina, estão presentes na novela *El retorno de Eva*. Sua narrativa assume a perspectiva de uma mulher urbana, com uma experiência burguesa contrastante com aquela de seus pais, mas não exatamente radical e cosmopolita, convive com o seu anseio de amor romântico o desejo de inserção na família e na comunidade religiosa. Inclusive porque, ao quadro provinciano e autoritário, a narrativa acrescenta na vida de Eva a especificidade da cultura judaica, construindo uma personagem que precisa enfrentar-se com duas tradições que se complementam, a ortodoxia e a sociedade patriarcal para ter o direito de escolher um parceiro amoroso – o que é compreendido como um ato de desobediência. Eva não seria, portanto, uma mulher efetivamente rebelde, apenas uma “pecadora”. Que se faz perdoar, porém, voltando à tradição na sua forma atualizada. Como observa Katz (2003), o tratado de Kidushin, de origem medieval, ficaria melhor se substituído, no seio do judaísmo atual, pelo antiqüíssimo preceito babilônico, presente na mesma escritura sagrada: “Tiene prohibido el hombre casar a su hija cuando es menor hasta que crezca y diga 'a fulano yo quiero” (Talmud Babilónico, Tratado de Kidushin 81b, apud KATZ)

Abstract: As if it was in an old manual weaving loom, the narrative line of *El retorno de Eva*, by the Paraguayan writer Susana Gertopan, composes with the tradition and modernity, memory and history, exile and return threads, the trajectory of a young woman that searches by herself on the condition of Paraguayan citizen and a Jew. While the protagonist seeks to undo many ties that entail her to a cultural and religious heritage that do not match, as she says, with the scenery where she grows, neither with the modern life in Jerusalem, the promised land of her ancestors, where she migrates from, we can observe the problematic texture of her individuality between two worlds, both in crisis and transition.

Keywords: Paraguayan literature, Jewish literature, Susana Gertopan

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história e literatura*. 8ª ed.. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.



GERTOPAN, Susana. *Barrio Palestina*. Assunção: Servilibro, 1998

_____ *El retorno de Eva*. Assunção: Servilibro, 2003

HUBERMAN, Ariana, METER, (eds). *Memoria y representación, configuraciones culturales y literarias en le imaginario judío latinoamericano*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2006

KATZ, Ethel. La mujer en el judaísmo - Entre el pasado y el despertar. *in Punto il*, publicación de la oficina de Representación en Argentina del Departamento de Hagshamá de la Organización Sionista Mundial, 2003. Acessível em: <http://www.hagshama.org/amlat/biblioteca/archivos/28.pdf> / Acessado em 01/10/2010.

KOSMINSKY, Ethel. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York, In: *Caderno Pagu*, n. 23, Campinas, Jul/Dez, 2004

LUKACS, Georg. Narrar ou descrever? In: *Ensaio sobre Literatura*. RJ: Civilização Brasileira, 1965.

MENDEZ-FAITH, Teresa. *Narrativa paraguaya actual*. Comunicação apresentada no Simposium International: Paraguay, isla rodeada de tierra, organizado pela Maison de l'Amérique Latine, em 13 e 14 de março de 2008, na Université Lumière de Lyon. Disponível em:

<http://www.maison-latine.com/images/stories/dossier/11SympoTeresaMeNDEZFAITH.doc>
Acesso em 22/09/10

PEIRÒ BARCO, José Vicente. *Literatura e Sociedad. La narrativa paraguaya actual. (1980-1995)* Tese de doutorado apresentada à Universidad Nacional de Educación a Distancia, programa do Instituto de Cooperación Ibero Americana. 2001. Disponível na Biblioteca Virtual do Instituto Cervantes: <http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12366184209035940321091/006999.pdf> / acessado em 22/09/2010

TALAVERA, Lourdes.: *La literatura hebrea y memoria histórica* in http://letras-uruguay.espaciolatino.com/aaa/talavera_lourdes/index.htm acessado em 23/09/2010